**Volume 02 | Número 02 | Ano 2021**

Retângulo

Descrição gerada automaticamente

­

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. **Escrever na universidade 2**: Texto e discurso. São Paulo: Parábola, 2019.

**PRODUÇÃO DE TEXTO EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: ESTRATÉGIAS PARA A ESCRITA ACADÊMICA**

*Text production in the university context: strategies for academic writing*

Danyelle, MAIA (UFAC)[[1]](#footnote-1)

Francisco Mateus, SOUSA (UFAC)[[2]](#footnote-2)

Este texto tem como objetivo fazer reflexões acerca do segundo volume da Coleção Escrever na universidade, de autoria de Francisco Eduardo Vieira e Carlos Alberto Faraco. Tal coleção é composta por três volumes: o primeiro, *Fundamentos*, foi publicado em 2019, mesmo ano de publicação do segundo, *Texto e discurso*. O terceiro volume, *Gramática do período e da coordenação*, teve sua publicação no ano seguinte, 2020, e o quarto, *Gramática da subordinação e da norma de referência*, ainda está no prelo. A coleção inteira é editada e publicada pela Parábola Editorial.

O foco do segundo livro da coleção, *Escrever na universidade 2: Texto e discurso*, a que este texto faz referência, é possibilitar ao leitor a construção de estratégias para a produção escrita em contexto acadêmico. Para isso, a obra aborda a construção de textos dos gêneros do *domínio acadêmico*, como, por exemplo, resumo, resenha, projeto de pesquisa, artigo científico, dissertação, tese, ensaio, fichamento, dentre outros.

114

A coleção é de autoria, conforme mencionado anteriormente, de dois linguistas brasileiros. De acordo com o Currículo Lattes, Francisco Eduardo Vieira é doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e atualmente trabalha como professor na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 2018, escreveu o livro *A gramática tradicional: história crítica* pela Parábola Editorial. Já Carlos Alberto Faraco, de acordo com a mesma fonte, tem pós-doutorado em Linguística pela Universidade da Califórnia e, atualmente, é professor aposentado da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Possui uma vasta produção bibliográfica; uma de suas obras é o livro *História do português*, o volume 3 da coleção *Linguística para o Ensino Superior* e publicado em 2019 pela Parábola Editorial. Em 2016, os dois autores organizaram o livro *Gramáticas brasileiras: com a palavra, os leitores*, também pela Parábola Editorial.

É importante destacar que, para os autores, os gêneros textuais que circulam no meio acadêmico são os que estão mais próximos da *modalidade escrita formal* no contexto brasileiro contemporâneo. Quando Vieira e Faraco (2019a, p. 97) afirmam que “[...] este nosso livro não pretende dar conta do ensino de gêneros acadêmicos propriamente ditos”, percebemos, assim, que a intenção é a de oferecer ao leitor ferramentas para a promoção do domínio maduro do escrever na universidade. Além disso, os autores adotam o termo *gênero textual*, também chamado de *gênero discursivo*, mas pontuam que não é a finalidade do livro essa diferença terminológica.

O livro *Escrever na universidade 2: Texto e discurso* é destinado, principalmente, ao estudante universitário brasileiro e tem por objetivo oferecer a ele contribuições em aspectos como a organização, a progressão e a coesão textual. Tendo em vista tal propósito, são apresentadas ao longo desse livro estratégias para a produção escrita acadêmica de forma organizada e eficiente.

É importante considerar o fato de que, quando se trata de *estratégias* para a produção escrita, elas dizem respeito ao fato de que:

[...] todo texto é um conjunto de marcas, de pistas que funcionam como instruções para o restabelecimento dos efeitos de sentido da interação social e que o domínio e a compreensão das técnicas de linguagem exigem uma forma de reflexão sobre o fenômeno complexo da textualidade. (PAULIUKONIS, 2019, p.245).

Desse modo, ao privilegiar as estratégias textuais, o segundo volume procura dar destaque ao processo de construção textual e entende o texto enquanto uma prática de linguagem. Dito de outro modo, tal prática difere de outras perspectivas, como aquelas centradas na língua e no escritor, que entendem o texto enquanto produto resultante da capacidade de leitura e produção de um texto escrito (KOCH; ELIAS, 2018). O segundo volume de Vieira e Faraco dá destaque ao papel da composição do evento de linguagem por meio da escrita em contexto acadêmico, valorizando, assim, seu processo de constituição.

É importante destacar que, para Vieira e Faraco (2019b, p. 47), qualquer assunto ou tema perpassa diferentes discursos, o que chamam de *universo discursivo*; a partir dessa premissa, assim, partem da concepção de que o texto é um evento diretamente relacionado ao discurso.

A obra está dividida em cinco unidades, numeradas 5, 6, 7, 8 e 9 (isso porque as unidades 1, 2, 3 e 4 pertencem ao primeiro volume da coleção). Cada uma das unidades é dividida em três seções. Convém mencionar que, cada seção do segundo volume da coleção apresenta parte(s) como Leitura e/ou Produção Escrita após texto explicativo dos autores, o que contribui para o engajamento do leitor sobre a leitura e a escrita propostas nas unidades desse segundo volume. Os autores encerram cada unidade com uma produção textual literária ou não literária, como, por exemplo, música, crônica ou poema relacionado(s) ao(s) assunto(s) abordado(s) naquela unidade.

Na unidade 5, Reatando Fios, a primeira seção é iniciada ao apresentar ações que Vieira e Faraco denominam “[...] **escolhas prévias do escritor**, as quais costumam anteceder o ato de escrever propriamente dito e ser indispensáveis ao planejamento dos nossos textos.” (2019b, p. 11, grifo dos autores). Pontuam que elas envolvem o *assunto* ou *tema* do texto, os *objetivos*, o *leitor presumido* do texto, o *gênero* e o *registro* da língua (*grau de formalidade*) na construção de um texto. Segundo Vieira e Faraco (2019a, p. 27), o leitor presumido é aquele para quem o texto se destina. Nessa seção, os autores destacam, também, duas noções relacionadas a essas escolhas prévias: o *suporte textual* e o conceito de *esfera* ou *domínio discursivo*.Finalizam a seção com a apresentação da interrelação entre domínio discursivo, suporte e gênero textual no qual todo texto deve se situar.

A seção 5.2, Por Dentro do Texto,discorre sobre a *organização interna* do conteúdo do texto. Para isso, apresentam o preenchimento do parágrafo de forma não apenas a apresentar ideias ou informações, mas também de forma a garantir a *progressão* do assunto e a *finalização* textual adequada, o que os autores chamam de *costura textual*.

Na terceira e última seção dessa unidade, Leitura e Informatividade, é apresentada ao leitor a importância de ter conhecimento sobre diversos temas para produzir bons textos. Nesse sentido, os autores ressaltam que o escrevente deve saber usar as informações necessárias para a composição textual a fim de que o texto seja compreendido pelo futuro leitor. Para isso é necessário o hábito da leitura. Nas palavras de Vieira e Faraco “[...] **sem leitura na universidade, não haverá escrita na universidade**.” (2019b, p. 23, grifos dos autores).

Os autores iniciam a unidade 6, Materializando Discursos, retomando três aspectos fundamentais do ato de escrever discutidos no primeiro volume da coleção: 1-*Escrever é diferente de falar*; 2-*Escrevemos para alguém ler* e 3-*A escrita exige planejamento prévio e execução controlada*.

Na seção 6.1, Texto: Artefato Verbal, argumentam que um texto deve ter *unidade interna de sentido* e *acabamento formal*. Vieira e Faraco (2019b, p. 39) argumentam, também, que o texto é o resultado de uma atividade de linguagem sócio-historicamente situada e de procedimentos cognitivos, tópicos importantes da abordagem do livro, ou seja, a relação entre texto e discurso.

Na seção 6.2, Universo Discursivo, os autores comparam a construção do texto com o ato de tecer um tecido. Ele é apresentado como um produto do entrelaçamento de *fios do tecido textual* e o autor é o tecelão. A metáfora procura constituir a relação com o discurso, com o propósito de demonstrar que quem escreve nunca parte do zero. Por isso, é importante destacar que nessa obra:

[...] usamos **discurso** para designar um conjunto de enunciados verbais (asserções, saberes, crenças, informações, ideias, argumentos, narrativas) e não verbais (imagens e símbolos) que constituem um modo de dar sentido aos entes e eventos do mundo. Em outras palavras, discurso aqui é entendido como um conjunto de enunciados articulados que dá forma a determinada interpretação do mundo. Discurso equivale, portanto, a **voz social**, ou seja, a um conjunto de enunciados construídos e tramados a partir de um posicionamento social avaliativo frente aos entes e eventos do mundo. (VIEIRA, FARACO, 2019b, p. 45 e 46, grifos dos autores).

Por isso, os autores discutem que as questões sociais são envoltas de discursos variados, como mencionado anteriormente, o que demonstra que a linguagem não é neutra, seja ela falada ou escrita.

Nesse item do texto, os autores ainda argumentam que, quando um escrevente desejar materializar em forma de texto um determinado assunto, ele também deve se posicionar frente a esse *universo discursivo*. O que os autores Vieira e Faraco (2019b, p. 48) procuram explicitar é que é no diálogo com o *já-dito* que novos eventos linguísticos tomam corpo, pois, retomando Bakhtin (1992), o objeto de discurso de um locutor nunca parte do zero e esse objeto é o lugar onde se encontram diferentes pontos de vista.

Nesse segundo volume a que esta resenha faz referência, a relação entre discurso e texto ocorre pelos chamados *gêneros do discurso* ou, como Vieira e Faraco abordam, *gêneros textuais*, com foco nos textos pertencentes ao domínio acadêmico. Nesse sentido, de acordo com Marcuschi (2010), os gêneros textuais caracterizam-se não apenas por aspectos formais mas também por aspectos sociocomunicativos e aspectos funcionais:

[...] para a noção de *gênero textual*, predominam os critérios de *ação prática*, *circulação sócio-histórica*, *funcionalidade*, *conteúdo temático*, *estilo* e *composicionalidade*, sendo que os *domínios discursivos* são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam. (MARCUSCHI, 2010, p. 25, grifos do autor).

A concepção de Marcuschi (2010) dialoga com o que os autores Vieira e Faraco propõem sobre a composição do evento de linguagem por meio da escrita como produto de uma atividade sócio-histórico-cultural pelo ser humano. Por isso, a escrita também envolve questões como o contexto, época, lugar, obra, autor, escrita com objetivo(s), características textuais, dentre outros.

Por fim, os autores encerram essa unidade com a seção 6.3, Discursos, Tecnologia e *Fake News*. Nela, os autores abordam algumas vantagens e desvantagens da revoluçãodigital. Uma destas últimas, por exemplo, é a maior propagação das chamadas *fake news*, isto é, notícias falsas. Por não compartilharem do que é verdadeiro, elas representam um mal a ser evitado, principalmente, no campo da informação.

A unidade 7 é intitulada Construindo Textos. Na primeira seção, Unidade Temática e Expressões Referenciais, Vieira e Faraco abordam a *unidade temática* que um texto deve ter a fim de um objetivo: o sentido do texto. Eles trazem exemplos de formas de expressões referenciais para fazer relação com o tema do texto como um todo. Na língua portuguesa, existem diversas formas de referenciação, sendo as mais comuns a anafórica e catafórica. Os autores, porém, antes de trabalhar conceitos tão rebuscados, apontam para uma análise minuciosa que descreve mecanismos de referenciação que podemos usar na hora de escrever.

Na seção seguinte, 7.2 Progressão Temática, os autores defendem que esse elemento, a progressão temática, é um dos mais importantes dentro de um texto, senão o mais importante. Argumentam que a progressão é uma forma de garantir ao texto melhor funcionalidade de sentidos, isto é, a sinalização do caminho para que o leitor possa recortar o tema ao qual o texto se destina e o manter focado nele. Saber entender o que está sendo dito, sem arriscar uma fuga de ideia, é um marco para a construção de textos.

Na terceira seção dessa unidade, 7.3 Paragrafação, há a discussão do parágrafo como uma unidade de estruturação do texto em prosa. Para Vieira e Faraco (2019b), ele é uma *subunidade de sentido* e cada um introduz um novo tópico de assunto em relação à unidade temática do texto. Há, também, a explicitação do parágrafo como uma *sentença-guia*. Na parte Analisando os Parágrafos, o leitor é convidado a analisar alguns deles e no final da seção há propostas de produção escrita que envolvem esse aspecto do parágrafo.

A unidade 8, Garantindo a Coesão, é iniciada ao retomar à metáfora do tecelão, ao comparar a construção do texto com o modo do tecelão de fazer um tecido. Esses fios precisam estabelecer relações de sentido entre si e a coesão é uma forma de amarrá-los e promover a progressão do texto. Dentre os principais recursos coesivos, a obra da professora Irandé Antunes, o livro *Lutar com palavras: coesão e coerência*, publicado em 2005 pela Parábola Editorial, serviu de base para os autores sobre a coesão. Vieira e Faraco discorrem sobre três tipos: a *associação semântica* ou *coesão lexical*, a *coesão por retomada* ou *coesão por reiteração* e a *coesão por conexão* ou *coesão sequencial*.

Na seção 8.1, Coesão por Associação Semântica, Vieira e Faraco (2019b) discutem a composição da associação semântica, que ocorre por intermédio de palavras e/ou expressões que se relacionam com uma palavra central pelos sentidos deflagrados.

Embora, de certa maneira, nos capítulos anteriores os pesquisadores não referenciaram a *coesão por retomada* de forma mais específica, é nessa unidade, na seção 8.2 Coesão por Retomada, que abordaram as expressões referenciais que denotam essa coesão. À medida que o escritor faz referenciação por retomada de termos, ele promove a progressão com a prática temática em garantir um bom entendimento e, sobretudo, um entrelaçamento de ideias. Afinal, desde o início do texto, os autores discorreram sobre como o texto é visto como uma cadeia de tecidos dando origem a configurações e origens na proporção em que se estabelece significação com os fios do texto, isto é, precisam estabelecer relações claras e objetivas.

Ainda nesse tema, os autores discorrem que a coesão por retomada implica na mobilização, pelo produtor do texto, do uso dos mecanismos de retomada dentro de uma perspectiva interlocutora, ou seja, em associar elementos seguindo uma lógica ligada à relação com o outro, na interação, levando em conta aspectos próprios da interlocução, como a ideologia, por exemplo. De maneira resumida, ao inserirem a interlocução como fator da construção textual, o texto procura evidenciar também fatores intrínsecos à personalidade e aos gostos de quem está escrevendo, sempre com a presença indireta do leitor e da situação de comunicação em que o texto se inclui. Segundo Vieira e Faraco (2019b, p. 125), a coesão por retomada é um recurso que muito pode contribuir para a construção da argumentação.

Por fim, na última seção 8.3 Coesão por Conexão, o texto discute que a conexão pode lançar mão de recursos sequenciais a fim de garantir amarração ao texto, bem determinadas, por meio de orações, períodos, parágrafos e até mesmo porções maiores dele. Os recursos linguísticos que ajudam nessa coesão são conhecidos da gramática normativa: locuções conjuntivas, preposições, advérbios etc.

A nona e última unidade desse livro, Argumentando, em específico na seção 9.1 Informação ou Opinião?, os autores iniciam a unidade apresentando dois grandes conjuntos de gêneros: os “gêneros textuais *predominantemente*informativos” e os “gêneros textuais *predominantemente*opinativos”. Eles usam a palavra “predominantemente” porque argumentam que não há um gênero considerado totalmente *puro*, ou seja, a escolha de determinadas informações já revela um ponto de vista por parte do autor e se opina a partir da escolha delas.

Nos gêneros textuais predominantemente informativos, de acordo com Vieira e Faraco (2019b, p.166), buscar e legitimar as informações que são trazidas é o foco da informação textual. No mundo em que vivemos, sempre devemos buscar respaldo na verdade, em fontes confiáveis, passíveis de conferência, conforme mencionam os autores, como sendo as maiores qualidades desses textos. Nos gêneros textuais predominantemente opinativos, Vieira e Faraco (2019b, p. 166) relatam que é necessário uma argumentação sólida a fim de garantir a sustentabilidade naquilo que se está defendendo no texto.

No fim da seção, Vieira e Faraco colocam em destaque mais um mecanismo que é importante para a produção textual: o uso de argumentos. Os autores discorrem sobre os tipos de argumentações, mais especificamente três dos mais importantes, sendo, primeiramente, os *argumentos empíricos*, ou seja, dados estatísticos e raciocínio por analogia marcam a constituição de como podemos fazer para sustentar aquilo que estamos dizendo. Para eles, o raciocínio por analogia é de grande valia em argumentações.

Em um segundo pressuposto para usar na argumentação, temos agora os *argumentos de autoridade*. Basicamente, para os autores, esses argumentos são ideias, informações e opiniões as quais são proferidas por pessoas que têm domínio ou muita experiência naquilo em que atuam. Nas pesquisas do mundo acadêmico, o argumento de autoridade é um dos mais usados pois sustenta ponto de vista usando uma opinião por parte de uma autoridade naquele assunto. O uso desses argumentos permite, também, reconhecer e compreender que o escrevente tem conhecimento sobre o assunto tratado com o qual é tratado com boa base.

Por fim, *argumentos de senso comum*, segundo os autores, fundamentam-se em uma opinião, uma crença que, por conta do reconhecimento que possui na sociedade, é tida como valor real. Essa visão é baseada em dogmas estabelecidos há muito tempo. Entretanto, de acordo com Vieira e Faraco (2019b, p. 178), “os argumentos de senso comum até podem ser usados na escrita acadêmica, mas com muita parcimônia”.

A seção 9.2, Discurso Reportado, é a parte em que Vieira e Faraco discorrem sobre a introdução de outras vozes no texto, o que pode ocorrer pelo discurso direto e o discurso indireto. Para isso, eles pontuam que, no discurso direto, são abordadas citações diretas curtas e citações diretas longas; além disso, o discurso direto tem como característica a integralidade na forma e no conteúdo, enquanto o discurso indireto a forma deve ser parafraseada e o conteúdo mantido, segundo Vieira e Faraco (2019b, p. 181). Em cada um desses tipos, os autores apresentam no livro exemplificações variadas e formas possíveis de citações.

Destacamos que, tendo em vista o fato de que a universidade é um lugar de grande produção de trabalhos acadêmicos (artigos, resenhas, resumos, dentre outros), o estudante pode e deve saber usar o discurso de outrem em seus textos. Nesse sentido, essa seção constitui uma importante fonte de consulta pelo estudante sobre como abordar e usar o uso do discurso reportado em textos acadêmicos.

Finalizando a obra, na seção 9.3, intitulada O Gênero Ensaio, é apresentado o gênero *ensaio*, que é comum no domínio acadêmico ou científico. Os autores argumentam que esse gênero tem como característica menor rigidez em relação a outros gêneros textuais circulantes nesse mesmo meio. Essa menor rigidez ocorre porque o ensaio é um gênero que permite ser escrito em primeira pessoa do singular e conter aspectos subjetivos do autor, segundo discorrem os autores.

Por ser um livro com muitos aspectos conceituais dos assuntos abordados e com as partes de Leitura e Produção Escrita que convidam o leitor a ler e praticar a escrita em contexto acadêmico, essa obra é de grande valia e é recomendada ao estudante universitário brasileiro. Além disso, as estratégias discutidas possibilitam ao leitor orientar e organizar texto cujo foco seja trazer o(s) sentido(s) ao que se quer expor nele. Por isso, os gêneros textuais, abordados no livro, são apresentados de forma didática e envolvente e instigam, quem está do outro lado, a ler e a produzir a escrita acadêmica para descobrir o quão prazeroso pode ser esse ato. Boa leitura!

**REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 1992.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida. Texto e contexto. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2019, p. 239-258.

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. **Escrever na universidade 1**: Fundamentos. São Paulo: Parábola, 2019a.

­­\_\_\_\_\_\_. **Escrever na universidade 2**: Texto e discurso. São Paulo: Parábola, 2019b.

1. Universidade Federal do Acre, Acre, Brasil. Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2021-2978>; email: [danye­lleamaia@gmail.com](mailto:danyelleamaia@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Universidade Federal do Acre, Acre, Brasil. Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3855-9868>; email: [mateus198017@gmail.com](mailto:mateus198017@gmail.com) [↑](#footnote-ref-2)